

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ANTONIA CLARINDO DA HORA RAMOS MONTEIRO**

**A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA O RIO DE JANEIRO NA  
LITERATURA DE CORDEL**

Rio de Janeiro  
2025



**ANTONIA CLARINDO DA HORA RAMOS MONTEIRO**

**A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA DE  
CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, ofertado pela Pró-Reitoria de Ensino do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Luís Rafael Araújo Corrêa.

Rio de Janeiro

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),  
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

M775m

Monteiro, Antonia Clarindo da Hora Ramos

A migração cearense para o Rio de Janeiro na literatura de cordel . / Antonia Clarindo da Hora Ramos Monteiro – Rio de Janeiro: [s.n.], 2026.

47 p.

Orientador: Prof. Luís Rafael Araújo Corrêa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II,  
Curso de Licenciatura em História.

1. Migração interna – Brasil. 2. Literatura de cordel brasileira. I.  
Corrêa , Luís Rafael Araújo (Orientador). II. Colégio Pedro II. III  
Licenciatura em História. IV. Título

CDD 304.809

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por me fortalecer nessa jornada em busca de conhecimento, nele busquei ao longo da jornada, o dom da perseverança, pedindo sabedoria nos momentos de incertezas. Nele confiei a minha vitória.

Em segundo lugar agradeço a rede de apoio que tive nesses anos. Minha família que sempre me apoiou, em especial meu esposo Alexander, meu filho Adriano, minha filha Allana e minha sogra Geni. Todos contribuíram na minha formação. Obrigado Alexander, por compreender quão importante foi para mim poder realizar o sonho de me formar na faculdade. Durante quatro anos você me esperou chegar depois das dez da noite, sem reclamar por te deixar sozinho. Te amo por isso.

Adriano, meu filho, corrigiu todos os meus trabalhos, sendo paciente com as minhas limitações e me ajudando a entregar no devido prazo os trabalhos da faculdade. Sem você eu não teria conseguido cumprir os prazos estabelecidos pelos professores. Obrigado por ter sido meu parceiro incondicional nessa jornada. Te amo eternamente.

Minha filha Allana, sempre que eu estava sem tempo, deixava o caderno para ela digitar no computador. Obrigado por isso. Te amo filha. E minha sogra Geni, que tomou conta da alimentação durante todo tempo que eu fiquei presa às demandas da faculdade, inclusive nos fins de semana, que eu passava preparando seminários e apresentações. Obrigado por todo apoio sogrinha. Te amo Geni.

Agradeço de forma especial, a minha mãe, Maria Concebida Eduardo (em memória), a heroína da minha vida. Sem seus ensinamentos eu não teria chegado até aqui. Você me mostrou que eu podia realizar meus sonhos através da educação. Obrigado mãe, você me inspirou todos os dias da minha vida. Se hoje estou aqui, devo a você mãe.

Agradeço de modo especial a Jorgina Rodrigues, que me fez perceber que o ensino médio não é o fim dos estudos. Me incentivou a continuar estudando. Agradeço a Sheila, minha amiga e parceira de profissão, que me incentivou a fazer a prova do Enem. Obrigado por não me deixar desistir. E minha diretora Rita de Cássia, que fez questão de imprimir os textos para leitura, quando apresentei um problema de visão causado pelo excesso de leitura no celular e computador. Seu apoio foi essencial para o bom desempenho. Agradeço também a Andrea, Carina e Lenise, sempre torcendo por mim e vibrando a cada período vencido, sempre dispostas a me ajudar no que precisasse. Obrigado pelo apoio.

Agradeço a meus professores do curso de História do Colégio Pedro ii. Todos foram extremamente importantes na minha formação. Sempre dispostos a me ajudar, contribuindo para meu desempenho acadêmico. O apoio e parceria comigo foram primordiais para meu êxito. Obrigado de coração. Amo todos vocês por me acolherem tão bem, serem pacientes comigo em todo decorrer do curso. Levarei todos vocês em meu coração por toda minha vida: Professor Márcio Coelho, Professor Leonardo Chermont, Professor João Henrique de Castro, Professora Valesca, Professor Pedro, Professor Antônio Parga, Professor Rômulo Paura, Professora Luciana Bilitário, Professora Janaína, Professor Bruno, Professor Luís Rafael, meu orientador. Todos vocês ficaram marcados na minha trajetória. Obrigado a todos.

Agradeço a turma de 2020. A melhor turma de faculdade que eu tive. Amo cada um de vocês. Carmen, Camila, Lucas Bitar, Lucas Souza, João Lucas, Rodrigo, Helena, Mariana, Mariana Pereira, Joyce, Leonardo, Vítor, Amanda. Todos me ajudaram a superar e continuar firme no propósito de concluir minha formação acadêmica. A parceria de vocês, o carinho e apoio diário me permitiram concluir todas as etapas da minha formação. Amo vocês eternamente.

## SUMÁRIO

|            |  |           |
|------------|--|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>2</b>   | <b>MIGRAÇÃO .....</b>  | <b>13</b> |
| <b>2.1</b> | <b>A Migração Cearense para o Rio de Janeiro nos anos de 1960 a 2010 .....</b>                       | <b>13</b> |
| <b>3</b>   | <b>CORDEL E TRADIÇÃO POPULAR .....</b>   | <b>26</b> |
| <b>3.1</b> | <b>A História da Literatura de Cordel no Cordel de Raimundo Santa Helena .....</b>                   | <b>26</b> |
| <b>3.2</b> | <b>Literatura de Cordel: Tradição Cultural Nordestina .....</b>                                      | <b>29</b> |
| <b>4</b>   | <b>A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA DE CORDEL .....</b>                       | <b>33</b> |
| <b>4.1</b> | <b>O Migrante na Literatura de Cordel: Narrativas de Poetas de Povo nos Folhetos de Cordel .....</b> | <b>33</b> |
| <b>4.2</b> | <b>A Feira de São Cristóvão .....</b>  | <b>37</b> |
| <b>4.3</b> | <b>Um Migrante Cordelista no Rio de Janeiro: Raimundo Santa Helena .....</b>                         | <b>40</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>45</b> |
|            | <b>FONTES .....</b>  | <b>46</b> |
|            | <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>  | <b>47</b> |

## RESUMO

MONTEIRO, Antonia Clarindo da Hora Ramos. **A migração cearense para o Rio de Janeiro na literatura de cordel**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Pró-Reitoria de Ensino, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

A presente Monografia de conclusão de curso tem como objetivo mostrar como a migração nordestina, com ênfase na migração cearense para o Rio de Janeiro, foi retratada na Literatura de Cordel, analisando a migração nos folhetos de Cordel depois da década de 1940, e, como os poetas de Cordel narram essa migração em seus folhetos. Esses poetas não faziam versos só para entreter a população, mas também informavam com leituras de fácil compreensão para esse público alvo, muitas vezes analfabetos. A Literatura de Cordel representava muitas vezes o único veículo de informação para essa gente humilde. Os poetas do povo eram encontrados nas praças e feiras do Rio de Janeiro, destacando o “Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas”, ou simplesmente “Feira de São Cristóvão”, um dos principais locais de encontro de poetas e cantadores no Rio de Janeiro, que fizeram da feira um espaço de manutenção da cultura nordestina fora do Nordeste.

**Palavras-chave:** Migração, Literatura de Cordel.

## ABSTRACT

MONTEIRO, Antonia Clarindo da Hora Ramos. **A migração cearense para o Rio de Janeiro na literatura de cordel.** 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Pró-Reitoria de Ensino, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

This final course monograph aims to show how northeastern migration—focusing specifically on the migration of people from Ceará to Rio de Janeiro—has been portrayed in Cordel Literature. It analyzes how migration is represented in Cordel pamphlets after the 1940s and how Cordel poets narrate this migration in their works. These poets did not write verses solely to entertain the population; they also conveyed information in a format that was easily understood by their target audience, which often consisted of illiterate individuals. Cordel Literature often served as the only source of information for these humble people. The popular poets could be found in squares and street markets of Rio de Janeiro, especially at the “Luiz Gonzaga Center of Northeastern Traditions,” or simply the “São Cristóvão Fair,” one of the main gathering places for poets and singers in Rio de Janeiro. This fair became a key space for preserving Northeastern culture outside of the Northeast.

**Keywords:** Migration, Cordel Literature.

## CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar como a migração nordestina para o Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil foi retratada na Literatura de Cordel. Por se tratar de uma literatura popular, os folhetos de cordel chegaram ao Brasil com os Portugueses, se popularizando na região Nordeste no final do século XIX. Sendo divulgado por poetas do povo, que contavam de forma poética, acontecimentos do cotidiano em forma de versos e cantorias, muitas vezes usando o imaginário para contar histórias. Seja usando ficção ou contando fatos verídicos, a literatura de Cordel desempenhou ao longo dos anos uma fonte de informação para a população humilde do país, que tinha no Cordel muitas vezes o único veículo de informação sobre os acontecimentos no Brasil e no mundo.

A Literatura de Cordel representa uma fonte preciosa para entender a migração do nordestino para o sul do país. Muitos desses migrantes são poetas que deixaram para trás suas origens e ao longo da jornada foram produzindo versos para sobreviverem em meio às adversidades da vida de retirante. Esses poetas contam sua própria trajetória e a de milhares de indivíduos rumo a o Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil. O Ceará é um dos Estados do Brasil que se destaca pela migração de grande parte da população cearense para o Rio de Janeiro, sendo essa realidade contada nos folhetos de Cordel de poetas como Patativa do Assaré e Raimundo Santa Helena, que ao longo da vida produziram Cordel abordando temáticas variadas. Um dos mais importantes poetas foi Gonçalo Ferreira, fundador da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel)<sup>1</sup>, e muitos outros poetas que serão mostrados ao longo deste trabalho.

A migração cearense para o Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil acontece desde o final do século XIX até os dias atuais. É uma realidade vivida por muitos cearenses que saíram de seu lugar de nascimento em busca de uma vida melhor, deixando para trás sua casa e seus entes queridos, rumo ao desconhecido, embalados pela esperança de dias melhores. Esses indivíduos em sua maioria são moradores das zonas rurais ou pequenas cidades do interior do

---

<sup>1</sup> ABLC9. In: WordPress. [S.l.: s.n.], 2025. Disponível em: <https://able9.wordpress.com/>.

Estado, e foram impelidos a saírem de sua terra natal pela falta de condições de permanência. Deixando sua zona de conforto,

partiram em busca de empregos nos grandes centros urbanos do país. Atraídos pela ideia de progresso inculcido no imaginário desses indivíduos, migram acreditando que a

cidade grande lhes proporcionará estabilidade financeira, coisa que o campo não consegue lhes dar.

A migração cearense para o Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil sempre despertou em mim uma curiosidade. Talvez por ter presenciado desde a infância, pessoas ao meu redor se despedindo de seus familiares rumo ao desconhecido. Não entendia os motivos dessas partidas. Quanto à Literatura de Cordel, essa é a mais vívida referência de leitura que tive na infância, cresci ouvindo alguém da família ser o porta voz dessa literatura. Talvez isso explique porque eu me interessei em fazer a temática sobre a migração cearense para o Rio de Janeiro na Literatura de Cordel, meu objeto de pesquisa para escrever minha monografia de conclusão de curso.

O objetivo principal desta pesquisa é mostrar como a Literatura de Cordel retratou a migração cearense para o Rio de Janeiro depois de 1940 em seus folhetos de rimas e versos. O presente trabalho de pesquisa visa compreender o processo dessa diáspora inserida na Literatura de Cordel e os diversos modos que essa literatura representou a migração nordestina em seus folhetos ao longo dos anos.

Para desenvolver o presente trabalho iniciei minha pesquisa no site Casa Rui Barbosa, minha fonte de pesquisa, fazendo leituras de diversos folhetos de Cordel, que abordam em suas produções literárias a migração para o Rio de Janeiro.

Além do acervo de Cordel da Casa Rui Barbosa, adquiri alguns Cordeis quando estive em Fortaleza-Ce, visitando parentes, nos anos de 2020 a 2024. Também fiz muitas leituras para poder desenvolver uma pesquisa baseada nas narrativas de poetas do povo. Para isso, além de dezenas de Cordeis, li Ariano Suassuna: A Pedra do Reino<sup>2</sup>; Patativa do Assaré: Cante Lá que eu canto de cá. Filosofia de um trovador nordestino, Cordeis e Outros Poemas<sup>3</sup>; Euclides da

---

<sup>2</sup> SUASSUNA, A. Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

<sup>3</sup> PATATIVA DO ASSARÉ. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 2014.

Cunha: Os Sertões<sup>4</sup>; Raquel de Queiroz: O Quinze<sup>5</sup>; Durval Muniz de Albuquerque Júnior: A Invenção do Nordeste e outras artes<sup>6</sup>; Graciliano Ramos: Vidas Secas<sup>7</sup>; Mark Curran: História do Brasil em Cordel<sup>8</sup> e Retrato do Brasil em Cordel<sup>9</sup>; José de Alencar: O Sertanejo<sup>10</sup>. Essas são, entre muitas, leituras que me ajudaram a desenvolver minha monografia.

A presente monografia está dividida em quatro capítulos. O primeiro Capítulo corresponde à introdução, o segundo capítulo recebeu o título de “Migração”. Neste capítulo exploro a migração e suas problemáticas buscando explorar os fatores que contribuíram para a saída de milhares de nordestinos rumo às capitais brasileiras para poder sobreviver . Além dos Cordeis, utilizei Mark Curran para justificar a migração cearense para o Rio de Janeiro. O terceiro capítulo se chama “Cordel e Tradição Popular”, e tem duas subdivisões com os seguintes títulos: “A História da Literatura de Cordel no Cordel de Raimundo Santa Helena” e “ Literatura de Cordel: Tradição cultural Nordestina”. Nessa temática fiz uso da Literatura de Cordel do poeta Raimundo Santa Helena para falar da história do Cordel. Para falar sobre essa temática, usei a leitura do livro Poesia Popular em Verso, Tomo 1, disponível no site da Casa Rui Barbosa<sup>11</sup>.

O quarto capítulo recebeu o título de “A Migração Cearense para o Rio de Janeiro na Literatura de Cordel”. Este capítulo tem três subdivisões, onde me aprofundi nas pesquisas sobre os diversos atores que fizeram da Literatura de Cordel uma importante fonte de informação e entretenimento para o migrante nordestino nas feiras e espaço de divulgação dessa cultura, trazendo os poetas e suas visões sobre a migração para os centros urbanos do país, com destaque na migração para o Rio de Janeiro. O primeiro subtítulo se chama “O Migrante na Literatura de Cordel: narrativas de poetas e trovadores populares: o segundo subtítulo deste capítulo se chama “ A Feira de São Cristóvão”, Para finalizar o capítulo trouxe o terceiro subtítulo “ Um migrante cordelista no Rio de Janeiro: Raimundo Santa Helena”, onde trago a

---

<sup>4</sup> CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

<sup>5</sup> QUEIROZ, Rachel. O Quinze. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

<sup>6</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

<sup>7</sup> RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. São Paulo: Record, 2015.

<sup>8</sup> CURRAN, M. J. História do Brasil em cordel. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998

<sup>9</sup> CURRAN, M. Retrato do Brasil em cordel. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011

<sup>10</sup> ALENCAR, J. de. O sertanejo. São Paulo: Ática, 1997.

<sup>11</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Cordel: literatura popular em verso. Rio de Janeiro: FCRB. Disponível em: <http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/>.

biografia desse poeta que migrou do Ceará para o Rio de Janeiro e fixou residência em 1945, contribuindo de forma significativa na divulgação da literatura de Cordel no Rio de Janeiro.

No Brasil, desde a chegada dos europeus nas costas brasileiras, pessoas se deslocam de um lugar para outro em busca de instabilidade. Essa prática migratória com relação aos nordestinos, está associada às secas recorrentes<sup>12</sup>, que ao longo dos séculos castigam as regiões. Vale ressaltar que fatores como a cheia também contribuíram para a migração de milhares de indivíduos para outras regiões do país. As secas e também as cheias tornam inviáveis a permanência de pessoas nessas áreas. No caso das secas, elas precisam de chuva para plantar e sobreviver da colheita desse plantio. O clima desfavorável nessas regiões, torna a vida dos moradores insustentável, impulsionado a migração, levando milhares de indivíduos a abandonarem suas terras em busca de sobrevivência nos grandes centros urbanos.

Para falar de migração na Literatura de Cordel, além de ler dezenas de folhetos produzidos por poetas populares que abordam a migração, sendo eles mesmos migrantes nordestinos, me debrucei em artigos que explicam os motivos do êxodo rural para os grandes centros urbanos do país. Artigos que mostram que a seca, (característica dos sertões nordestinos), não é por si só a única responsável pela migração de milhares de pessoas para outras regiões do país. A miséria econômica causada pela negligência política governamental do país representa uma das principais causas para essa prática migratória da população desassistida pelo poder público do Brasil. Ao longo dos anos, muitos folhetos de Cordel foram sendo escritos por poetas do povo. Esses folhetos falam sobre inflação, desemprego e carestia, mostrando que esses fatores somados a outros contribuíram para que milhares de nordestinos se deslocassem de suas cidades numa jornada rumo ao desconhecido, em busca de melhorias financeiras, distante de sua terra e de sua família.

Fugindo da miséria causada pela seca, que é uma característica dos sertões das regiões do nordeste, da falta de equilíbrio na economia, junto a escassez de infraestrutura essencial à sobrevivência dessa população, o Ceará se apresenta como um dos Estados que mais expulsou ao longo dos anos. Essa realidade vivida por milhares de cearenses e nordestinos em geral é retratada na Literatura de Cordel.

---

<sup>12</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Acervo: Raimundo Santa Helena. [Rio de Janeiro]: FCRB. Disponível em: [http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima\\_acervo.html](http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima_acervo.html).

A Literatura de Cordel retrata bem essa trajetória do migrante cearense, e lança luz sobre a realidade desse povo tão sofrido e resiliente. Contado nos folhetos de prosa e verso, aborda a fome e a desesperança de um grupo que vive a exclusão social, impedida de exercer sua cidadania, esquecida pelo poder público do Brasil. Migrar significa para esses indivíduos não morrer de fome. O poeta trovador cordelista não produz o cordel como leitura folclórica, mas como troca de experiência e relatos de manifestações populares, vivenciadas no cotidiano do migrante cearense e nordestino em geral, rumo ao Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil.

Um exemplo de como o Cordel retrata a migração cearense para o Rio de Janeiro está retratado no folheto do cordelista Raimundo Santa Helena, sob o título: “Valeime meu Padim Ciço”. Neste folheto o poeta escreve:

*Já antes das Ferrovias*

*Nordestino vem pro Rio*

*Fogem do calor de lá*

*E aqui morrem de frio*

*Debaixo do viaduto*

*O Sertão fica de luto*

*E o roçado vazio*

A estrofe do cordel de Raimundo Santa Helena, expõe a dura vida deste povo, que sai do campo sonhando com uma vida melhor, mas encontra na cidade grande uma realidade tão crua quanto a vivida em sua terra natal.

A migração na Literatura de Cordel é um retrato fiel de milhares de nordestinos pobres, que desde o século XIX se aventuram por diversas partes do país, lutando para vencer as adversidades da vida, que se apresenta na maioria das vezes impiedosa com os que nascem nas manjedouras da nação, excluídos da sociedade, vivem de forma invisível, numa sociedade elitista, que ignora a realidade dos menos favorecidos. Por centenas de anos, poetas do meio popular exploram de diversas maneiras as temáticas que falam da vida dessa gente tão humilde, mas tão esperançosa de que dias melhores virão.

Mostrar como a Literatura de Cordel retratou a migração nordestina para o Rio de Janeiro, significa contribuir de forma positiva com o trabalho desenvolvido por esses poetas,

onde muitos desses poetas ao longo da vida permaneceram anônimos, sem serem reconhecidos por suas obras. Espero que esse trabalho, somado a tantos outros, traga um olhar diferenciado sobre a Literatura de Cordel e a migração nordestina, contada em prosa e verso.

## **CAPÍTULO 2: MIGRAÇÃO**

### **2.1 - A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA O RIO DE JANEIRO**

O Brasil é um país de migrantes. Seja por questões econômicas ou climáticas, desde a chegada do europeu nesse solo que recebeu o nome de Brasil, pessoas saem de um lugar para outro buscando instabilidade financeira. É o que aconteceu ao longo dos séculos com milhares de nordestinos, que saíram da Região Nordeste, impulsionados por diversos motivos, entre eles as secas que castigavam os sertões. Essa migração levou milhares de indivíduos a buscarem o Rio de Janeiro como cidade para fixar residência. Fatos comprovados por poetas que contaram a migração em seus folhetos, vendidos nas feiras e praças da cidade do Rio de Janeiro. Todos esses poetas são de origem nordestina e muitos nasceram no Ceará.

A migração cearense para o Rio de Janeiro, está relacionada a fatores como a seca, desigualdade social, aprofundada pela ação latifundiária ao longo dos decênios. Somando-se a isso, o atraso econômico contribuiu para que famílias inteiras partissem em busca de oportunidade e instabilidade financeira, em direção a outras regiões do Brasil.

De acordo com Ricardo Ojima, a região mais afetada pela migração no Brasil é a região Nordeste. Isso se deve à extrema desigualdade social, que ao longo dos séculos consolidou-se pela ação dos grandes latifúndios, e ao clima, com recorrentes períodos de estiagem, tornando as regiões improdutivas, estimulando a migração. Essa dinâmica migratória está relacionada também ao desenvolvimento econômico do Estado, que por falta de investimento na região, com políticas de desenvolvimento, não oferece emprego para a população, estimulando assim a migração dessa gente desassistida pelo poder público, levando milhares de indivíduos a buscarem novos horizontes. (OJIMA,2012).

O tema migração é facilmente encontrado nos cordeis produzidos por poetas populares. Nesses folhetos os poetas escrevem suas experiências e observações sobre os fatos que corroboram para esse movimento. Um exemplo é o cordel do poeta Patativa do Assaré,

chamado “MIGRANTE NORDESTINO NO SUL DO PAÍS”<sup>13</sup>, neste Cordel o poeta retrata com profundidade as desventuras dos flagelados das secas, obrigando-os a migrarem. Citarei algumas estrofes para melhor entendimento do leitor.

*[...] Quando há inverno abundante*

*No meu Nordeste querido,*

*Fica o pobre em um instante*

*Do sofrimento esquecido,*

*Tudo é graça, paz e riso,*

*Reina um verde paraíso*

*Por vale serra e sertão,*

*Porém não havendo inverno,*

*Reina um verdadeiro inferno*

*De dor e de confusão.*

*[...] Sem a virtude da chuva,*

*O povo fica a vagar*

*Como a formiga saúva*

*Sem folha para cortar.*

*E com a dor que consome,*

*Obrigados pela fome*

*E a situação mesquinha,*

*Vai um grupo flagelado*

*Para atacar o mercado*

---

<sup>13</sup> ASSARÉ, Patativa. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 2014. pg 324-335.

*Da cidade mais vizinha.*

*[...] Ante tanta consequência,*

*Viajam pelas estradas*

*Tangidas pela indigência*

*Famílias abandonadas*

*Deixando o céu lindo azul,*

*Algumas vão para o Sul,*

*Outras para o Maranhão,*

*Cada qual com sua cruz,*

*Se valendo de Jesus*

*E do Padre Cícero Romão.*

*Nestes medonhos consternos*

*Sem meios para a viagem*

*Muitas vezes os governos*

*Para o Sul dão a passagem*

*E a faminta legião*

*Deixando o caro torrão,*

*Dando suspiros e ais,*

*O martírio inda mais cresce,*

*Pois o que fica padece*

*E o que parte sofre mais.*

*O carro corre apressado  
E lá no Sul faz despejo,  
Deixando desabrigado  
O flagelado cortejo,  
Que a procura de socorro  
Uns vão viver pelo morro  
Num padecer sem desquite,  
Outros pobres infelizes  
Se abrigam sob as marquises,  
E outros por baixo da ponte.*

Neste cordel, o poeta expõe a triste situação do flagelado da seca nordestina. Salienta a triste sina de quem depende da chuva para poder sobreviver da colheita do plantio, que só é viável se chover. Levando milhares de famílias a abandonarem a terra em busca de sobrevivência distante de sua terra.

Mark Curran, em seu livro “Retrato do Brasil em cordel”<sup>14</sup>, salienta que muitos nordestinos pobres migraram por causa da seca que castigava o sertão no final do século XIX. Essa prática migratória também representou a realidade de milhares de pessoas no século XX, que fugiram da fome e da miséria e buscaram os centros industriais do país, onde havia oferta de emprego.

De acordo com Mark Curran, com a chegada da seca no Nordeste, muitas famílias são obrigadas a ingressarem em uma jornada em busca de sobrevivência no sul do país. Essas famílias, na maioria das vezes sem recursos financeiros para custear as passagens, se sujeitam a embarcar em caminhões “pau de arara”, na maioria das vezes com destino a São Paulo e Rio de Janeiro, que se destacam como grandes metrópoles. Chegando nesse destino, encontram vaga para trabalhar em canteiros de obras, exercendo funções braçais e baixa remuneração, tornando-se reféns do capitalismo empresarial. Nessa luta por sobrevivência, enquanto acalentam o sonho

---

<sup>14</sup> CURRAN, M. Retrato do Brasil em cordel. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011

de retornarem a terra natal, acostumam-se a viverem nas periferias do Rio de Janeiro e São Paulo.(CURRAN 2011. pág.144).

A literatura de Cordel, retrata bem essa realidade do migrante cearense. Os poetas trazem em suas narrativas a fome, miséria e exclusão social. Os cordeis por meio de seus autores trazem relatos de experiências e visões da vida cotidiana desse grupo, escritos em versos sobre as dificuldades de viver longe da terra matriz, saudoso de sua gente. Os poetas produzem muitas vezes suas próprias experiências, desejos e frustrações (SALLES, 1958, pág.108).

No Cordel de Manoel Camilo dos Santos chamado “O Choro do Nortista no Rio, Pau de Arara”<sup>15</sup>, o poeta retrata a migração do nordestino em busca de uma vida melhor.

*[...] No largo de São Cristóvão*

*Quando o caminhão pára*

*Os malandros gritam logo*

*Chegou um pau de arara*

*Só se conhece que é gente*

*Devido a roupas e a cara.*

*Sujos que parecem porcos*

*Ou um bando de aleijados*

*Todos de pernas dormentes*

*De viajarem sentados*

*De barbas e cabelos grande*

*Parecem uns flagelados.*

*Quando arranjam um trabalho*

*Ou uma colocação*

---

<sup>15</sup> SANTOS, Manoel Camilo dos. O choro do nortista no Rio, pau de arara. In: Mark Curran, 2011. p.154.

*é p'ra pegar no pesado*  
*Muito mal dá para o pão*  
*Cozinha e lava lá mesmo*  
*e dorme mal pelo chão. [p.4] (CURRAN 2011. p.154).*

Os versos acima falam de uma realidade vivida por milhares de nordestinos pobres e desamparados, desesperados viajam nos caminhões “ pau-de-arara”, sofrendo todo tipo de provação, na esperança de encontrar um lugar que ofereça meios de sobreviver com mais dignidade.

A migração nordestina para o Rio de Janeiro, contada por poetas do povo na Literatura de Cordel, é uma realidade vivida por muitos cearenses que migraram em busca de uma vida melhor. Esses indivíduos, em sua maioria, dependendo da situação financeira, são impelidos a deixarem sua terra natal e seus entes queridos em busca de oportunidades nos grandes centros urbanos do país. O fator que torna as capitais atrativas é a ideia de prosperidade, sugeridas na maioria das vezes pelos veículos de comunicação, como o rádio, a televisão e atualmente a internet, além dos jornais impressos.

Entre 1960 a 1970 migraram para o Rio de Janeiro 43.233 pessoas, de acordo com o IBGE, que faz a análise do tempo e espaço. Essas pessoas fugiam da fome e da seca, buscando melhorar de vida ou apenas sobreviver ( VASCONCELOS, ALMEIDA e SILVA 1999 ). A enorme quantidade de pessoas que saíram do Ceará durante os anos de 1960 a 2010 foi registrada no Censo Demográfico de 2010. De acordo com o censo em 2010 o Ceará registrava uma população de 8.448,055 milhões de habitantes. Desta população total dos que nasceram no Ceará, 18% encontrava-se fora do Estado, somando uma população de 1.491,976 milhões de pessoas residindo fora de seu lugar de origem.

A procura pelas capitais do país está ligada à ideia de progresso que essas cidades sugerem em suas estruturas, levando milhares de indivíduos a fugirem da miséria causada pela seca, que é uma característica dos sertões das regiões do Nordeste. A falta de equilíbrio na economia, junto a escassez de infraestrutura essencial à sobrevivência dessa população são fatores que impulsionaram ao longo dos decênios esse deslocamento entre Estados. Nesse sentido, destaco aqui o artigo de Maria José dos Santos, onde a mesma diz que a região Nordeste é caracterizada pela prática migratória ao longo dos anos. Para Maria José dos Santos essa migração está associada às secas recorrentes, porém ela ressalta que essa migração vai além da

estiagem da região. Maria José dos Santos relaciona a migração com o desmatamento, a pobreza e a exclusão social, como fatores que contribuem para essa prática migratória (SANTOS,2009). A narrativa de Maria José dos Santos é contada na Literatura de Cordel, sinalizando a realidade do povo cearense que migra para o Rio de Janeiro e outras capitais do país.

O Rio de Janeiro entre os anos de 1950 a 1980, recebeu uma grande quantidade de nordestinos<sup>16</sup>. Essa migração não é justificada só pela seca que assolava a região nesse período. Essa prática migratória está ligada também à industrialização do Sudeste, a urbanização do Rio de Janeiro, que movimentou a construção civil nesse período, com construções de estradas para melhorar a locomoção no grande centro urbano, como a obra do metrô por exemplo. Além disso existia uma política que desprestigiava a região Nordeste, que era visto como uma região subdesenvolvida, enquanto a região Sudeste recebeu status de moderna e desenvolvida.

Ao migrar para o Rio de Janeiro, o nordestino inserido nessa nova realidade espacial, contribui de forma diversificada na rotina da cidade. Pois os mesmos carregam consigo uma bagagem cultural que passa a ser compartilhada, ao mesmo tempo que recebem e aprendem sobre a cultura carioca, sendo assim sujeitos que influenciam na rotina da cidade. Com desejo de vida melhor, lutam para manter sua cultura e valorizar a identidade da Região Nordeste.

A vida do migrante nordestino e cearense no Rio de Janeiro é retratada na Literatura de Cordel do poeta cearense Patativa do Assaré, que retrata a migração de forma fiel e realista, em seu livro “cordeis e outros poemas”<sup>17</sup>. Para entender melhor os motivos que levaram milhares de indivíduos a abandonarem sua terra natal desde o final do século XIX e por todo século XX rumo ao desconhecido, trago algumas estrofes do Cordel “Emigração”, para melhor compreensão:

*A fome é o maior martírio  
que pode haver nesse mundo,  
  
ela provoca delírio  
  
e sofrimento profundo*

---

<sup>16</sup> ELIS REGINA BARBOSA ANGELO; ISABELA DE FÁTIMA FOGAÇA; CONCEIÇÃO APARECIDA BARBOSA. O Rio de Janeiro “nordestino”: representações, subjetividades e saberes sobre a cidade. Revista Confluências Culturais, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 167–180, 2021. DOI: 10.21726/rcc.v9i1.122. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/122>.

<sup>17</sup> ASSARE, Patativa. Cordeis e outros poemas. Fortaleza. Edições UFC, 2008.

*tira o prazer e a razão  
quem quiser ver a feição  
da cara da mãe da peste,  
na pobreza permaneça, seja agregado e padeça  
uma seca no Nordeste*

*Por causa desta inclemência  
viajam pelas estradas  
na mais cruel indigência  
famílias abandonadas  
deixando o céu lindo e azul  
algumas vão para o Sul  
outras para o Maranhão  
cada qual com sua cruz  
se valendo de Jesus  
e do Padre Cícero Romão*

Os versos acima destacam a fome causada pela seca, como um fator que impulsiona a migração de famílias em direção ao sul do país. Ressaltando que embora haja beleza no lugar, destacando o azul do céu, a feiura que a falta de chuva provoca na paisagem, impossibilita a permanência dessas famílias nesse ambiente de escassez alimentícia. O poeta também destaca a religião, que faz parte da construção da identidade do povo nordestino, com destaque para a fé católica, na figura de Jesus Cristo e do padre Cícero Romão, padroeiro de Juazeiro do Norte, no sertão do Ceará. O migrante viaja confiante em Jesus e no Padim Ciço, dividindo o fardo da viagem, alimentando o espírito pela fé.

Segundo Mark Curran, o nordestino via na emigração a única maneira de fugir da fome que assolava a região, Ficar representava uma sentença de morte. Nessa fuga desesperada por

sobrevivência, muitos poetas acompanharam os flagelados da seca, passando a contar em versos as experiências desses retirantes nordestinos.

No fim do século XIX, grande parte da população pobre do Nordeste foi forçada a fugir, principalmente devido a severas secas no sertão. As migrações persistiram por todo século XX, numa tentativa desesperada de sobreviver às condições de pobreza e de fome crônica na região. Os poetas de cordel também se mudaram juntos com os flagelados; [...], nas mecas industriais de São Paulo e do Rio de Janeiro no Centro-Sul e, a partir de 1960, até em Brasília, a nova capital, construída, em sua maior parte por mão de obra nordestina. (CURRAN 2011. pág. 16).

Vale ressaltar que a migração está presente em centenas de folhetos de cordel. As narrativas são sempre com ênfase na miséria, na fome, retratando a realidade da população miserável do país, que vive à margem da sociedade, lutando desesperadamente para sobreviver num país com tanta desigualdade social, “porque o Cordel é um produto dos brasileiros pobres e desprivilegiados, é a História não oficial de grande parte do Brasil, isto é, o retrato não oficial”. (CURRAN 2011, p. 17).

A seca, uma das principais causas da migração, está presente no Cordel do poeta José Bernardo da Silva. Ele escreveu o folheto com o seguinte título “ Os horrores do Nordeste”<sup>18</sup>, no qual descreve em poesia de Cordel os aspectos principais da calamidade cíclica que atinge a região. Para melhor compreensão trago um trecho do Cordel:

*Oh! Cruel situação  
Do pessoal nordestino!...  
A incalculável seca  
Que sempre trás em dominó  
Levando tudo ao terror  
Do leito fatal da dor  
Do mais cruel desatino!*

Em outro verso o poeta José Bernardo da Silva narra o que passa em várias partes do Nordeste, como Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí, para acentuar o que há de triste no quadro

---

<sup>18</sup> SILVA, José Bernardo da. Os horrores do Nordeste. Juazeiro do Norte, Ceará, 2 de agosto de 1942, in: Literatura Popular em verso. Antologia. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

que a seca provoca, e, por meio do Cordel registra o que há no coração e na mente do povo nordestino:

*É doloroso se ver  
A situação do Norte  
Nada há em todo ele  
alimentos nem transporte  
Oh! quão grande desmantelo!  
Não tem jeito nem apelo  
Que o melhor de sorte.*

Nesses versos acima, fica nítido a impressão que o poeta tem sobre as consequências que as secas provocam na vida do nordestino. O poeta descreve em verso o retrato vivido pelo povo devido a falta de chuvas, e como isso impacta a economia prejudicando a população em todo seu contexto existencial, trazendo morte, infelicidade e desespero provocado pelas secas que assolam as regiões do Nordeste.

Além de ser uma temática explorada em milhares de folhetos de cordel, a migração nordestina causada pela seca, também foi explorada pelo cinema. Diversos filmes do chamado cinema novo, a partir de 1960, trataram em suas produções a estética da fome. Levando para as telas de cinema a triste realidade de grande parte da população miserável do Nordeste. O filme “Vidas Secas”<sup>19</sup> é um dos filmes que aborda a estética da fome. Esse filme lançado em 1963 e dirigido por Nelson Pereira dos Santos é inspirado no romance de Graciliano Ramos. O filme traz uma frase na abertura do filme que diz o seguinte: “Este filme não é apenas a transposição fiel, para o cinema, de uma obra imortal da literatura brasileira. É Antes de tudo, um depoimento sobre uma dramática realidade social de nossos dias de extrema miséria que escraviza 27 milhões de nordestinos e que nenhum brasileiro digno pode ignorar”.

O filme narra a luta do vaqueiro Fabiano e sua família, composta pela esposa e dois filhos, juntamente com a cachorra que atende por Baleia. Para não morrerem de fome migram em busca de sobrevivência até chegarem a uma fazenda onde pedem trabalho ao dono, mostrando a relação dessa família com esse fazendeiro. O filme retrata de forma fiel a vida de

---

<sup>19</sup> VIDAS SECAS. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Herbert Richers. Rio de Janeiro: Herbert Richers, 1963.

milhares de nordestinos, que enfrentam a desigualdade social dos pobres analfabetos, subjugados pelos que detêm o poder econômico, os grandes fazendeiros latifundiários, que se beneficiam da miséria para explorar quem depende desse empregador para sobreviver.

Para compreender melhor a estética da fome do nordeste brasileiro e porque essa temática está inserida em milhares de Cordeis, outros três filmes ajudam a entender. O Filme “ Os Fuzis”<sup>20</sup>, “ Deus e o Diabo na Terra do Sol”<sup>21</sup> e o filme “ Crueldade Mortal”. São filmes que narram como os períodos de seca no Nordeste influenciaram a vida de milhares de pessoas, levando-as a se deslocarem para outras regiões para sobreviverem.

O filme “ Os Fuzis”, lançado em 1963 e dirigido por Rui Guerra, foi ambientado em 1963, porém sua abordagem foi impulsionada pela seca de 1958. O filme mostra um grupo de militares contratados para proteger um armazém de alimentos de possíveis invasores, que na realidade se tratava da população faminta do interior da Bahia. O filme conta a realidade de uma cidade repleta de pessoas desesperadas, sem emprego e com fome. A população reza incessantemente, à espera de um milagre, enquanto isso, um motorista que levava um caminhão de cebola para a feira de Santana na Bahia, que atende por Gaúcho, fica preso naquele povoado por conta de um problema mecânico no caminhão, passando a observar a situação de miséria dos moradores daquela cidadezinha. Num determinado momento, Gaúcho vê um pai com sua filha morta nos braços, sendo notificado que a criança morreu de fome, retratando as consequências da fome na vida dessas pessoas miseráveis, que dependem da boa vontade de quem tem condições mudar a realidade dessa população, mas preferem ignorar a real necessidade dessa gente, entregues à própria sorte.

O filme Os Fuzis também explora a crença, na figura de um beato que profetiza tempos melhores. Esse beato é alimentado pelos fazendeiros para o mesmo acalmar a população faminta, enquanto venera um boi, tratando como boi santo.

O filme tem um desfecho brutal, quando o Gaúcho inconformado com a passividade daquela gente faminta, que não reagem ao ver o único alimento daquela cidade, deixarem o armazém em caminhões, escoltados pelos militares contratados pelos fazendeiros da cidade. Em um ato de desespero toma a arma de um dos militares e tenta impedir que os caminhões

---

<sup>20</sup> OS FUZIS. Direção: Ruy Guerra. Produção: Films de la Pleiade; Companhia Cinematográfica Vera Cruz; Copacabana Filmes. Brasil; França: [s.n.], 1964.

<sup>21</sup> DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL. Direção e roteiro: Glauber Rocha. Produção: Glauber Rocha; Luiz Augusto Mendes. Brasil: Copacabana Filmes, 1964. 1 filme (aprox. 125 min), son., pb.  
CRUELDADE MORTAL. Direção: Luiz Paulino dos Santos. Produção: Embrafilme; Sincro Filmes. Rio de Janeiro: [s.n.], 1976. 1 filme (aprox. 92 min),

deixem a cidade, sendo perseguido e assassinado. O filme finaliza com a população faminta devorando o boi santo.

Outro filme trata da estética da fome, é “ Deus e o Diabo na Terra do Sol”. O filme foi lançado em 1964 e foi dirigido por Glauber Rocha. Gravado no sertão da Bahia. Esse filme discute o fanatismo por meio da discussão social dentro do cangaço, fala sobre atraso e a possibilidade de superação.

O filme conta as desventuras do vaqueiro Manuel e sua esposa Rosa, que tem a vida transformada, quando Manuel mata o coronel Moraes, por não aceitar pagar pelos serviços do vaqueiro, que inconformado e insultado pelo coronel, reage e acaba matando o coronel Moraes, sendo perseguido pelos capangas do coronel. Seguido até sua residência, Manuel vê sua sogra ser assassinada, iniciando a partir daí uma jornada de penitência, fanatismo e desejo de perdão. O casal vive momentos conturbados quando Manuel passa a seguir o beato Sebastião, que o convence de que terá prosperidade se suportar o sofrimento e participar de um sacrifício de uma criança como forma de libertar Rosa, sua esposa, fazendo Manuel acreditar que a mesma está possuída. O beato tenta convencer Manuel que o sacrifício de sangue inocente é para vingar também a morte de Cristo. Num momento de lucidez Manuel diz que não pode vingar a morte de Jesus com sangue inocente. O beato Sebastião é assassinado por Rosa que convence Manuel a fugir daquele local. Enquanto Manuel e Rosa fogem, a população que seguia o beato é brutalmente massacrada pelas tropas do governo. Enquanto isso, o matador Antônio, contratado pelo o padre da cidade, inconformado com a devoção do povo pelo beato, ao ver o beato assassinado passa a perseguir o bando de Corisco, que é responsável pela onda de violência nas fazendas da região. Manuel e Rosa têm suas vidas cruzadas pelo bando de Lampião. Manuel pede para entrar no bando e lutar contra o governo que matou Virgulino.

O cangaço é representado por Corisco, após a morte de Lampião ele assume o bando. Revoltado com o governo, chamado de gigante da maldade, representado pelo coronel Salazar, que mata o povo de fome pela negligência, Corisco e seu bando, juntamente com Manuel, agora batizado de Satanás, embarcam numa jornada de violência, levando terror aos fazendeiros da região.

O filme explora o fanatismo religioso na figura de Manuel, que ao seguir o Beato Sebastião cegamente em Monte Santo, acredita que teria justiça através do sofrimento e penitência. A fraqueza humana também é evidenciada na figura da esposa Rosa, que cede a tentação da carne. A fé é explorada na figura de Padre Cícero e São Jorge, enquanto o Governo

é representado pelas tropas que perseguem e matam o povo. Os grandes latifundiários simbolizam a riqueza que mantém o povo cativo e faminto, representados pelos os grandes fazendeiros.

O quarto filme trata sobre a vida do migrante na periferia do Rio de Janeiro. Contando a História de Antônio, morador do Morro Agudo, na Baixada Fluminense. Migrante Nordestino já idoso e apresentando sinais de insanidade, Antônio passa a incomodar a vizinhança, levando insatisfação a alguns moradores pela sua conduta. Somente Deca e Arlete demonstram empatia por Antonio. Uma noite ao ser flagrado por Jurema, enquanto a mesma tomava banho no quintal, Antônio passa a ser perseguido por um bando estimulado por ela. Embora tente fugir da perseguição acaba sendo linchado cruelmente pela população. O filme Crueldade Mortal é baseado em fatos reais ocorrido em 1970. Inscrito e dirigido por Luís Paulino dos Santos e lançado em 1976.

O filme Crueldade Mortal, reflete a triste realidade do migrante que se encontra distante de sua terra e sua gente, tentando sobreviver em meio às adversidades da vida. Mostra o sofrimento de um homem longe da esposa e dos filhos, envelhecendo sem poder voltar para a família e nem conseguir trazê-los até ele. A solidão e a falta de empatia dos vizinhos corroboram para o fim trágico do personagem Antônio, que é brutalmente assassinado pelos seus perseguidores, incapazes de compreender todo contexto da vida desse migrante nordestino na periferia do Rio de Janeiro.

A estética da fome abordada nas produções cinematográficas, ajudou a fixar na mente das pessoas a imagem do Nordeste miserável e sem progresso. Esses filmes fazem parte das produções de cinema lançados a partir de 1960, também conhecido como movimento cinema novo, que foi influenciado por movimentos artísticos que exploraram a estética da fome no Nordeste do século XX, denunciando por meio das artes plásticas e produções literárias as mazelas sofridas pela população carente do Nordeste brasileiro. Vale ressaltar que esses filmes retratam apenas alguns momentos da vida na região Nordeste. O Nordeste não é só atraso e miséria.

### **CAPÍTULO 3: CORDEL E TRADIÇÃO POPULAR**

### **3.1 - A História da Literatura de Cordel no Cordel de Raimundo Santa Helena.**

De acordo com Mark Curran, O Cordel é uma Literatura de narrativa folclórica, que surgiu no Nordeste do Brasil no final do século XIX. Sua origem vem de Portugal, Espanha, França e Itália.. Essa literatura era oferecida nas feiras populares, penduradas num barbante em formato de cartas de baralho. No Brasil passou a ser produzido por poetas do povo, sendo oferecido nas feiras e espaços públicos, facilmente encontrado nas cidades do interior do sertão nordestino:

“A literatura de cordel- assim chamada porque os folhetos em versos eram muitas vezes vendidos ‘cavalgando’ um barbante (cordel) numa barraca de feira no Nordeste (quando essa literatura surgiu, os folhetos eram expostos como cartas de baralho em cima da mala do poeta-vendedor)- é aquele corpus de poesia narrativa folclórico-popular surgida originalmente no Nordeste do Brasil.”  
(CURRAN, 2011. pág. 16)

No ano de 1984 Raimundo Santa Helena ministrou um curso sobre Cordel e Repente. No folheto produzido por Raimundo Santa Helena, ele narra a história do Cordel. Na narrativa de Raimundo Santa Helena, fica claro que o poeta pesquisou a História da Literatura de Cordel para escrever um folheto contando a origem da Literatura de Cordel.

No Cordel de Raimundo Santa Helena, o poeta narra que a Literatura de Cordel originou-se em Portugal no século XV, precisamente no período medieval, divulgado por trovadores e menestres em ambientes de grande concentração popular. Esses trovadores levavam ao público por meio de cantorias que divertiam e entretém, narrativas sobre guerras, intrigas sobre a vida dos nobres e todo tipo de assunto que pudesse interessar a população. Vale dizer que nesse período da história a maior parte da população era constituída de pessoas analfabetas, já que a formação intelectual era privilégio dos nobres que dispunham de recursos para contratar professores recebiam a missão de educar e ensinar a ler e escrever entre outras disciplinas destinadas a classe abastada.

Os trovadores e menestres representavam na maioria das vezes a única fonte de informação da população para ficar sabendo do que acontecia ao redor do mundo. Através deles eram divulgadas notícias sobre a corte, vitórias e derrotas de uma nação sobre outra e todo tipo de narrativa que prendesse a atenção do público e despertando a curiosidade dos ouvintes. Nesse período com o aumento da população surgiram as feiras populares e com elas a filosofia poética

dos trovadores, que carregavam consigo rabecas e violas que serviam para dar ritmo e harmonia nas cantorias, enchendo esses ambientes de melodia na entoação dos poemas.

Esses poetas entoavam poemas de amor, de coragem, de fé, desejo e esperança, com muita melodia na voz, recebendo aplausos e vivas do público, sendo assim admirados pela destreza de improvisar, destacando esse dom artístico. O motivo que levava esses cantadores a formarem duplas, era uma forma de impedir que a apresentação se tornasse enfadonha levando ao desinteresse do público. Cantando em dupla os poetas se revezavam no improviso dos versos, mantendo assim o povo interessado em suas narrativas. Geralmente a dupla de poetas se revezam entre o mocinho e o bandido, conquistando a torcida e divertindo o público nos duelos de rimas e versos.

No século XV, com a chegada da idade moderna, os cantadores começaram a sair do analfabetismo, passando a escrever seus versos em papéis e couro e pendurá-los em barbantes, oferecendo nas feiras livres, marcando assim o início da Literatura de Cordel. Essa nova forma de divulgação se consolidou na Europa e foi imitada em outros continentes.

Gutenberg criou a impressão na Alemanha e o mundo já vivia as narrativas sobre as descobertas das grandes navegações. Mudanças sociais são assuntos explorados pelos escritores do povo, que usam as informações para narrar de modo proveitoso nos folhetos de cordel, levando as camadas populares uma leitura de fácil compreensão, bem diferente das escritas formais que os intelectuais da igreja católica produziam. Além disso, as escritas da igreja católica eram inacessíveis às camadas populares, já que se tratava de uma massa popular não letrada.

Com a chegada da idade contemporânea, a Revolução Francesa e a Industrialização, os divulgadores do Cordel atravessaram o Atlântico e chegaram a lugares como o Brasil, Bolívia, Argentina, Colômbia, Chile, México e várias outras nações. De Portugal e Espanha para o mundo, o cordel faz parte da cultura das camadas populares.

O Cordel no Brasil teve sua origem no Nordeste do país. Embora tenha vindo com a colonização Portuguesa, no Brasil sofreu modificações, adquirindo características próprias em suas produções e modo de distribuição. O Cordel era chamado em Portugal de folhas volantes, por serem oferecidos nas feiras populares atrelados a um barbante. No Brasil a Literatura de Cordel é descrita por estudiosos do assunto como uma leitura da cultura nordestina, por se tratar de folhetos pequenos vendidos em feiras e espaços populares a preços acessíveis a população

de baixa renda. De acordo com Mark Curran, o Cordel é produzido por poetas do povo, que narram em versos as vivências do povo nordestino.

O cordel é obra de poetas humildes impressos em folhetos de papel frágil de jornal vendidos nas feiras, mercados, esquinas e praças públicas do Nordeste brasileiro desde o final do século XIX. No começo, era encontrado tanto nas vilas nordestinas do sertão e do interior quanto em suas grandes cidades costeiras como Recife, João Pessoa, Aracaju, Maceió, Natal e Salvador. (CURRAN 2011, pág. 16).

A Literatura de Cordel em 1900, representava na maioria das vezes a única fonte de informação e diversão das populações pobres e analfabetas da região nordeste. Na divulgação da Literatura de Cordel se destaca Leandro Gomes de Barros, um dos pioneiros dessa Literatura. Ele conseguia colocar em versos os desejos da população, e é considerado um grande poeta do povo, no que se refere a primeira geração de poetas no início do século XX, sendo seguido por outros poetas como Antonio Ferreira da Cruz, Francisco das Chagas Batista, João Melquíades Ferreira da Silva, Severino Milonê da Silva, Silvino Piruá de Lima, José Camelo de Melo Resende, todos contribuíram na consolidação da Literatura de Cordel no Brasil, como um importante registro da cultura do povo nordestino.

Somando-se a esses poetas temos Leandro Gomes de Barros, que a partir de 1910 contribuiu na consolidação da Literatura de Cordel no Brasil. Por décadas contam a realidade do povo desprivilegiado da nação brasileira, retratando a dura realidade de milhares de brasileiros pobres e miseráveis. Os poemas de cordel trazem as narrativas das lutas por sobrevivência dessa gente humilde mas ao mesmo tempo exemplo de força e determinação diante dos desafios diários. O poeta Leandro Gomes de Barros em seus poemas usava o humor como forma de tornar leve as narrativas que falavam das dificuldades da população pobre do país. um exemplo é o Cordel “Miséria da Época”, que traz um trecho que diz:

*[...] Se eu soubesse que esse mundo*

*Estava tão corrompido*

*Eu tinha feito uma greve*

*Porém não tinha nascido*

*Minha mãe não me dizia*

*A queda da monarquia*

*Eu nasci foi enganado*

*Para viver neste mundo*

*Magro, trapilho, corcundo*

*Além de tudo selado [p.4]. (CURRAN 2011. pág. 138).*

A partir da década de 1920 vários poetas se destacaram como a segunda geração de poetas do povo. São eles: José Martins Ataíde, Manuel Camilo dos Santos, José Pacheco, Manuel Pereira Sobrinho, João Ferreira de Lima, Minelvino Francisco da Silva, José Soares, José Costa Leite, José João dos Santos (conhecido como Azulão), Raimundo Santa Helena e Rodolfo Cavalcante, Manuel d'Almeida Filho, Francisco Sales Arêda e Gonçalo Ferreira da Silva, fundador da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), fundada em 7 de dezembro de 1988 na cidade do Rio de Janeiro. A ABLC também é conhecida como “Casa da Cultura Saruê”, e foi criada com o objetivo de propagar a arte nordestina através de seus poetas. Todos esses poetas viveram para divulgar a Literatura de Cordel nas feiras e praças do Rio de Janeiro. Suas produções literárias encontram-se catalogadas no acervo da Casa Rui Barbosa.

### **3.2-Literatura de Cordel: Tradição cultural nordestina.**

De acordo com Mark Curran, a Literatura de Cordel “é o registro escrito da cultura do povo humilde do Nordeste do Brasil”. Para Mark Curran esta literatura representa a essência do povo, registrada nos folhetos de Cordel, por poetas do povo, que narram a vida do homem comum, de acordo com sua visão de mundo.

A Casa Rui Barbosa preocupada com a preservação da Literatura de Cordel, realizou um trabalho de registro das produções de Cordel produzidas ao longo dos anos no Brasil. Para evitar o extravio desses documentos, catalogou e depois adquiriu coleções que hoje são patrimônio bibliográfico da Casa Rui Barbosa. Muitos desses documentos da Literatura de Cordel eram adquiridos pela população periférica, ou seja, as camadas populares, por serem escritos de poetas do povo, que em sua maioria não possuíam formação acadêmica, com pouquíssimas exceções como é o caso dos escritores Luís Câmara Cascudo, Leonardo Mota e Gustavo Barroso.

Em 1964 saiu o Tomo I da Antologia dos Estudos da Literatura Popular em Verso, com a colaboração de Ariano Suassuna, Raquel de Queirós, Sebastião Nunes Batista, Mark Curran, Manuel Diegues Júnior, Bráulio do Nascimento e Dulce Martins Lama. Esse trabalho cuidadosamente elaborado por meio de pesquisa tinha entre outros objetivos, apresentar a Literatura de Cordel como fonte inspiradora da Literatura culta, sendo a Casa Rui Barbosa pioneira em mostrar através desse trabalho a riqueza da oralidade dos romancistas populares dos versos de Cordel.

A Literatura de Cordel no Brasil, se desenvolveu no Nordeste. Chegou com os conquistadores portugueses, mas também tem influência espanhola. Enquanto em Portugal a Literatura de Cordel era chamada de “folhas volantes”, na Espanha era chamada de “pliegos sueltos”. Certamente em nações latino-americanas como México, Peru e Nicarágua, essa literatura sofreu influência dos habitantes dessas regiões. Na França a Literatura de Cordel era chamada de “littérature de colportage”.

Devemos à península ibérica essa herança cultural nascida e cultivada pelo povo, que atravessou gerações de poetas e se consolidou como leitura que narra o cotidiano do meio social onde estão inseridos esses poetas do povo. Poetas que falam de guerras de conquistas, dramas e romances, levando para o povo desde notícias palacianas a histórias do dia-a-dia da população. A literatura de Cordel é na verdade relato de fatos que acontecem o tempo todo. Narrativas do passado, presente e futuro, feitas por poetas que ao longo da vida mantiveram essas narrativas vivas na mente do povo.

O cordel se popularizou por conta do analfabetismo, que era comum no século XVI. As pessoas criaram o hábito de se reunirem em locais específicos para ouvirem a leitura ou cantoria de poetas do povo, que divulgavam os acontecimentos do momento em forma de rimas e versos. Falavam de amor, casamentos entre nobres, batalhas de cavaleiros, guerras de conquista de uma nação sobre a outra. Tudo que viesse a entreter e estimular a mente da população.

Por conta do analfabetismo, a oralidade era a forma encontrada pelos poetas e cantadores para narrar suas produções nos espaços de grande concentração popular, como feiras e locais de festividades. Era uma forma de entreter o povo e ao mesmo tempo, informar sobre o que estava acontecendo a nível histórico. Sendo o letramento, exclusividade das camadas sociais mais abastadas, é fácil compreender porque o Cordel era divulgado de forma oral.

As primeiras folhas volantes provavelmente foram produzidas por sacerdotes eruditos que gostavam de ouvir os poetas e trovadores. Essas folhas volantes passaram a ser vendidas

por cegos que tiveram permissão régia para comercializar essas folhas a preços populares, permitindo maior acesso a esse tipo de literatura, que se expandiu no meio do povo. Quem sabia ler, fazia a leitura em voz alta, para aqueles que o cercavam, tornando-se um hábito nos espaços públicos a aglomeração de pessoas analfabetas para ouvir a leitura das folhas volantes.

Essa tradição de poesia declamada e cantada vinda de Portugal, tornou-se parte da cultura nordestina, onde poetas e cantadores passaram a narrar em noites enluaradas dos sertões como modo de entretenimento. As famílias passaram a cultivar o hábito de se reunirem após o jantar para ouvirem um membro da família ler um romance de cordel antes de dormir. O Nordeste é a região que consolidou a Literatura de Cordel como cultura popular da região, abordando temas como seca, clima, fome, vida do homem do campo e todo tipo de temática que faça parte da realidade do povo.

Os poetas nordestinos são facilmente identificados quando chegam ao Rio de Janeiro. A linguagem inconfundível e suas características físicas são facilmente reconhecidas. O fato de ser uma cidade que concentra um grande fluxo de entradas e saída de pessoas de todo canto do país, o Rio de Janeiro reflete em sua geografia, elementos que identificam a presença desses migrantes nordestinos, incluindo poetas do povo que trouxeram consigo elementos que influenciaram na identidade cultural da cidade.

De acordo com Stuart Hall “a diáspora faz o ser diaspórico se posicionar de modo perceptível de quem não está em seu lugar de origem, contribuindo para a formação de nova comunidade inserida na sociedade que passou a coexistir”. Essa sociedade busca formas de interagir, usando sua cultura para se integrar à nova realidade. No que se refere ao Cordel, o poeta cordelista no Rio de Janeiro, juntou-se a outros poetas e criaram um espaço de encontros de nordestinos, a antiga feira de São Cristóvão, hoje atual “Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas”.

O Centro de Tradições Nordestinas é um espaço de lazer, que agrega além da Literatura de Cordel a cultura e tradição do povo nordestino. Em todo espaço desse ambiente se encontra a cultura do Nordeste, como, a música, a culinária e o artesanato. Formas encontradas para cultivar as tradições nordestinas. Foi a forma que o migrante nordestino no Rio de Janeiro encontrou para matar a saudade de seu lugar de origem, mantendo viva na feira sua cultura regional. Dessa forma o migrante mantém viva sua identidade, consciente do grupo social ao qual pertence.

No Centro de Tradições Nordestinas, os poetas trovadores encontraram um refúgio para divulgar seus cordeis, onde entre outros temas abordados em seus romances, eles contam sobre a migração do nordestino para o Rio de Janeiro e outros Estados do Brasil. É o que diz o poeta Rodolfo Coelho em seu cordel intitulado “ O Nordeste está morrendo”.

*E assim o nordestino  
É um povo abandonado  
É muito raro um nortista  
Progredir no seu Estado  
Se dana ... vai para o Sul  
Que é lugar adiantado*

O retrato do Brasil e de seu povo pintado pelo Cordel é uma realidade secular observada nos milhares de títulos de folhetos. Mas trata-se de uma realidade colorida pela estrutura em que o Cordel foi construído: tradição literária, folclórico-popular na Europa antes de sua chegada ao Brasil e sua assimilação no final do século XIX. As histórias em prosa e verso de Portugal, Espanha e França, foram adaptados aos quadros sextilhos, septilhos, ou décimos, dos poetas cordelistas no Brasil, oferecendo uma visão de mundo e uma estrutura que literalmente explodiram e se converteram numa visão enciclopédica da vida no Brasil do século XX. ( CURRAN 2011. p. 17 ).

Milhares de folhetos de Cordel, produzidos por poetas do povo, narram a trajetória do nordestino rumo ao Rio de Janeiro. As narrativas são em sua maioria envolvendo temas como: a seca no Nordeste que trás a fome como consequência, miséria, fé e esperança. Retrato da população pobre do Brasil, que sobrevive à margem da sociedade, lutando de todas as formas possíveis para superar as agruras da vida, invisíveis para aqueles que detêm o poder econômico do país.

## **CAPÍTULO 4: A MIGRAÇÃO CEARENSE PARA O RIO DE JANEIRO NA LITERATURA DE CORDEL**

### **4.1- O Migrante na Literatura de Cordel: narrativas de poetas do povo nos folhetos de Cordel.**

No livro “Cante lá que eu canto de cá”: Filosofia de um trovador nordestino, do poeta cearense Patativa do Assaré, o poeta reproduz de maneira fiel à essência do povo cearense e nordestino, por meio da poesia popular em verso. Como acontece há décadas no Brasil, ele também teve sua experiência de migrante. Com 20 anos de idade foi com um primo para o Estado do Pará. Como desde os 14 anos exercitava a paixão pela poesia, passou o tempo contando moda de viola com os cantadores que encontrou por lá. De volta ao Ceará continuou a fazer o que mais amava, escrever versos contando a vida do povo humilde do sertão.

Entre dezenas de versos escritos pelo poeta Patativa do Assaré no livro “Cante lá que eu canto de cá”, destaco aqui “Emigrante nordestino no Sul do país”<sup>22</sup>:

*[...] Leitor, a verdade assino,  
É sacrificio de morte  
O do pobre nordestino  
Desprotegido da sorte  
Como bardo popular,  
Do meu modo de falar,  
Nesta referência séria,  
Muito desgostoso fico  
Por ver num país tão rico  
Campear tanta miséria [...].*

*[...] Ante tanta consequência,  
Viajam pelas estradas  
Tangidas pela indigência  
Famílias abandonadas,  
Deixando o céu lindo azul,  
Algumas vão para o Sul  
Outras para o Maranhão,  
Cada um com sua cruz  
Se valendo de Jesus  
E do Padre Cícero Romão [...]*

---

<sup>22</sup> ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto de cá: Filosofia de um trovador nordestino. Ed. Vozes. Petrópolis, 2024.

Esses versos retratam as realidades de milhares de cearenses, que por décadas, foram expulsos de sua terra natal, pela fome e pela miséria, que os obrigou a partir para não morrerem de fome. Vítimas da falta de recursos, que tornasse viável sua permanência em seu Estado de origem, se despediam de seus entes queridos, levando consigo o sonho de dias melhores, colocando no Padre Cícero e em Jesus a fé e esperança de viver num mundo menos desigual . Partir para essas pessoas significava não morrer de fome.

Por se tratar de um Poeta que viveu no interior do Ceará vendo a luta do povo simples, Patativa do Assaré mostra em seus versos uma profunda empatia e descontentamento em ver essa gente humilde se despedir de sua terra em busca de sobrevivência no Sul do país. A fé católica é referenciada de modo fiel. Jesus e o Padre Cícero, padroeiro de Juazeiro do Norte, no Ceará, são como companheiros de viagem e guias espirituais. O catolicismo faz parte da construção social das camadas humildes dos sertões do Ceará. A fé caminha lado a lado como como um oxigênio extra que fortalece a caminhada rumo ao desconhecido.

Outro poeta que retrata a migração nordestina é Manoel Camilo dos Santos. No Cordel intitulado “O Choro dos nortistas no Rio, Pau de arara”, o poeta retrata a desventura do nordestino a caminho do Rio de Janeiro, mostrando o sofrimento vivido no caminhão pau de arara<sup>23</sup>.

*O “ besta” que vem do mato  
Já parece um babaquara  
Se trepa n’um caminhão  
Ou seja,, um “Pau de Arara”  
E sai danado aguentando  
Poeira e chuva na cara [p.3].*

Nota-se nesses versos que o poeta considera o povo nordestino, um povo que vive entregue à própria sorte, sem suporte para enfrentar as dificuldades apresentadas na terra natal. O poeta deixa explícito que o nordestino vai para o sul por achar que lá terá oferta de emprego, deixando claro que considera o Nordeste um lugar sem recursos, essa condição torna inviável a permanência desses indivíduos em suas cidades de origem.

---

<sup>23</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Acervo: Raimundo Santa Helena. [Rio de Janeiro]: FCRB. Disponível em: [http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima\\_acervo.html](http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima_acervo.html).

No Cordel “Frustrações de um Sertanejo”, de Raimundo Santa Helena, há um trecho que diz:

*[...] Quando deixei minha terra  
As brenhas lá do sertão  
Pra viver na capital  
Me perdi na multidão  
Virei número na teia  
E nas dunas de areia  
Nunca passei de um grão*

*No Rio troquei cavalo  
por um carro zero data  
Alfenir e rapadura  
Por doce mole de lata  
Troquei joá por groselha  
Vitela por carne velha  
O gorgulho por barata [...]*

O poeta traz nos versos as impressões de si mesmo como um migrante no Rio de Janeiro. Ao escrever sobre a saída do interior do Nordeste e a chegada na capital, o poeta se coloca como mais um entre milhares de pessoas, se vê de forma anônima, engolido pela multidão, compara-se a um grão de areia. Em outro momento Raimundo Santa Helena compara a vida no Nordeste com a vida numa cidade grande, como o cavalo, que é o meio de transporte no interior, e o automóvel, que é o meio de transporte na cidade grande. Outro trecho o poeta faz comparação sobre os alimentos que são tradicionais do Nordeste, como rapadura e joá, enquanto no Rio ele passa a conhecer doce mole de lata e groselha.

O Outro Cordel de Raimundo Santa Helena trata a migração como solução para o nordestino. O Cordel “Canção Nordestina” diz:

*Valeime nossa Senhora,  
Não me faça isso não  
Se não chove vou mimbora,*

*Vou deixar o meu Sertão...*

*Vou mimbora para o Sul,*

*Ver se Deus está por lá;*

*Vou cuspir no céu azul*

*E comer meu sabiá... [...]*

O poeta deixa subentendido que a falta de chuva é responsável pela sua decisão de ir embora. A súplica a Nossa Senhora é um pedido de socorro, pois se chover, o cenário muda, não haverá necessidade de abandonar a terra tão amada. Para o poeta, o Sul significa fartura, o lugar onde vai ter o que comer.

Todos esses poetas abordaram na Literatura de Cordel a migração para o Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil. Em comum, além de serem poetas, também são migrantes. Partiram em busca de uma vida melhor. Carregaram consigo sonhos e esperança. Usaram a poesia para se expressarem, levando ao público temas sobre lutas, desigualdades, políticas e todo tipo de assunto que permeiam a vida do povo na cidade grande. Os assuntos abordados tinham o objetivo de despertar a curiosidade da população subalternizada desse país, narrando na Literatura de Cordel suas visões do mundo, com temáticas que levavam à reflexão.

A migração para o Rio de Janeiro que acontece desde de o final do século XIX, permitiu que a cidade sofresse influência na dinâmica urbana, pois os nordestinos que chegaram aqui nos pau-de-arara, aos poucos integraram a massa trabalhadora da cidade. Seja nos trens que iniciam a jornada nas primeiras horas da manhã, ônibus e metrô, milhares de migrantes nordestinos residentes nas periferias e favelas do Rio de Janeiro se dividem em diversas funções. Desde construção civil, porteiros em prédios do Rio, garçom e em diversas funções nos supermercados da grande metrópole.<sup>24</sup>

O poeta José João dos Santos, mais conhecido como Azulão, escreveu o Cordel “O Trem da Madrugada”, retratando sua própria vivência como migrante nordestino no Rio de Janeiro. Além de ter trabalhado em construção civil, o mesmo escrevia poemas enquanto trabalhava como porteiro, e ainda fazia versos de improviso como cantador.

---

<sup>24</sup> Luciany Aparecida Alves Santos – “Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 77-91.

## 4.2 A FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO.

Não tem como falar de Migração Nordestina para o Rio de Janeiro sem falar na Feira de São Cristóvão, atual Centro Luíz Gonzaga de Tradições Nordestinas, que é um pedaço do Nordeste no Rio de Janeiro. Criado ao longo dos decênios pela presença de milhares de Nordestinos que desembarcavam diariamente dos pau-de-arara, depois de longas jornadas no desconforto desses meios de transportes, que por muitos anos constituiu o único meio de condução para deixar o Nordeste, a Feira de São Cristóvão ou Centro de Tradições Nordestinas, representa o que há de mais genuíno do migrante que chegou ao Rio de Janeiro no pau-de-arara, trazendo consigo o Nordeste enraizado no linguajar, na culinária e nos costumes nordestinos, entre esses costumes destaca-se a Literatura de Cordel.

No Cordel de Raimundo Santa Helena, sob o título “Feira Nordestina de São Cristóvão”, o poeta traz a seguinte narrativa em seus versos<sup>25</sup>:

*No ano quarenta e cinco  
Troquei relíquias de guerra  
(No campo de São Cristóvão)  
Pelas lembranças da terra  
Marujo fora do mar  
Matuto longe da serra  
  
[...] Cinquenta e dois foi a vez  
Como disse Azulão  
Dos nordestinos venderem  
Além dos teréns na mão  
Redes e chapéus de couro  
E comida do sertão [...]  
[...] Mas aqui não se esgota  
A história dessa feira  
Pois Manuel Alexandre*

---

<sup>25</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Acervo: Raimundo Santa Helena. [Rio de Janeiro]: FCRB. Disponível em: [http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima\\_acervo.html](http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima_acervo.html).

*Com fibras de aroeira  
E mais feirantes fundaram  
A união verdadeira*

*Já não era mais esteira  
Espalhadas no capim  
Barracas e tabuleiros  
Com cobertura enfim  
Vavá me disse: “com chuva  
Agora não é ruim ”.[...]*

O poeta narra a sua vivência na Feira, contando como a Feira se consolidou como ambiente de divulgação da cultura nordestina. Fala das dificuldades dos feirantes que trabalhavam sem estrutura fora do pavilhão e como ficou confortável trabalhar na Feira mesmo em dias chuvosos, depois que a Feira passou a funcionar dentro do pavilhão.

Ressalto aqui, que embora milhares de migrantes nordestinos trocassem experiências no campo de São Cristóvão, com vendas dos produtos tipicamente nordestinos, usando esse espaço para matar a saudade, foi somente em 1945 que a Feira Nordestina de São Cristóvão foi oficialmente inaugurada. Ao recitar um verso em Cordel comemorando o fim da Segunda Guerra Mundial, Raimundo Santa Helena naquele dia inaugurou a Feira de São Cristóvão.

A Feira de São Cristóvão por muitos anos funcionou fora do pavilhão. Foi somente em 2002, depois de muitas lutas para manter a Feira, crises que ameaçaram a extinção da mesma, que ela passou a funcionar dentro do Pavilhão. Mais organizada e melhorada as condições de funcionamento, a Feira de São Cristóvão se expandiu e manteve viva a cultura do Nordeste, tornando-se não só um lugar de nordestinos que queriam matar a saudade de sua terra, mas também um ponto turístico com música boa, culinária diversificada, poesia e cantoria, além de ser e um local para se conhecer a cultura nordestina dentro da cidade do Rio de Janeiro<sup>26</sup>.

A feira tem origem na década de 1940, quando nordestinos, retirantes em busca de melhores condições de vida, chegavam ao Campo de

---

<sup>26</sup> LEITE, Bruna Rezende; MOURO, Bruno. Um nordeste carioca: migração nordestina e identidade no Rio de Janeiro. O Prelo, [S.l.], 8 out. 2020. Disponível em: <https://oprelo.ioerj.com.br/2020/10/08/migracao-nordestina-rio-de-janeiro/>

São Cristóvão e ali encontravam seus conterrâneos. O ponto virou referência para os encontros; ali se vendia de tudo que se trazia do Nordeste e, também, era um lugar em que festas com música e comida regional existiam. A feira permaneceu na rua até 2003, quando passou para o interior do pavilhão (ANGELO, 2017).

O Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas ou simplesmente Feira de São Cristóvão, representa um elo entre o migrante nordestino no Rio de Janeiro e a região Nordeste. É onde o nordestino mata a saudade de sua terra, pois encontra na feira elementos que suavizam a saudade de casa. Seja na música, nas comidas típicas do Nordeste, no repentista com sua cantoria tão comum na sua terra natal, ou nos folhetos de cordel, oferecidos nas bancas da feira. A feira promove para esses migrantes que perderam seu território, a volta às origens, é como uma forma de voltar para casa, pois a feira promove o fortalecimento da identidade desses sujeitos longe de sua terra.

A Feira simboliza também um espaço de resistência e resiliência, de um povo tão açoitado pela vida. Estrangeiros no próprio país, esses indivíduos tiveram que aprender a viver num ambiente muitas vezes hostil, já que de certa forma eles impuseram sua personalidade, seus costumes e tradições numa sociedade diferente da que eles estavam acostumados. Ao migrarem para o Rio de Janeiro, perderam suas referências, tendo que se adequar a uma nova realidade, incorporando a dinâmica social como sujeitos que contribuem de forma diversificada nessa nova realidade.

Em 1978 o poeta cearense Gonçalo Ferreira da Silva, montou uma banca na Feira de São Cristóvão, para melhor divulgar a Literatura de Cordel na feira, e também estimular outros poetas. Essa ação deu origem à ABLC ( Academia Brasileira de Literatura de Cordel) em 1988, localizada na rua Leopoldo Fróes, no bairro de Santa Tereza. Desde a sua fundação a ABLC já distribuiu mais de 300 exemplares, tendo como objetivo principal a valorização da Literatura de Cordel.

#### **4.3 Um Migrante Cordelista no Rio de Janeiro: Raimundo Santa Helena.**

Milhares de folhetos de Cordel, produzidos por poetas do povo, narram a trajetória do nordestino rumo ao Rio de Janeiro. As narrativas são em sua maioria envolvendo temas como: a seca no Nordeste que trás a fome como consequência, miséria, fé e esperança. Retrato da

população pobre do Brasil, sobrevive à margem da sociedade, lutando de todas as formas possíveis para superar as agruras da vida, invisíveis para aqueles que estão no poder do país.

Como muitos nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro, o paraibano Raimundo Santa Helena, o engraxate da praça do Ferreira em Fortaleza, que dormia numa casa de acolhimento, só aprendendo a ler aos 14 anos de idade pela sensibilidade de uma professora que o ajudou a ingressar na escola de aprendiz de marinho em Fortaleza, no Ceará, representa uma figura fiel do migrante para o Rio de Janeiro<sup>27</sup>.

Raimundo Santa Helena nasceu em 06 de abril de 1926 em Cajazeiras, na Paraíba, num trole rodando a vara. Sua cabeça nasceu na Paraíba e o restante no Ceará. Sua mãe, que era cearense mas morava na Paraíba, queria um dos filhos conterrâneos, mas não conseguiu. Seu pai Raimundo Luiz do Nascimento foi o posseiro número um do Município de Santa Helena na Paraíba. Ele era agricultor, mestre de linha e delegado de polícia. Foi assassinado pelo bando de Lampião em 09 de junho de 1927. Sua mãe Maria Ferreira do Nascimento perdeu as terras deixadas de herança pelo marido. Assinou um documento vendendo as terras da família para o então coronel Bento Teixeira, que nunca lhe pagou um tostão pelas terras. Sendo expulsa da mesma com os filhos, e, para não morrer de fome, virou lavadeira enquanto seus filhos carregam latas d'água para abastecer os comerciantes da região. Uma noite Raimundo Santa Helena presenciou sua mãe se defender de uma suposta invasão em sua casa, por um indivíduo que forçou a porta para violentar sua mãe, recebendo por entre as frestas da porta, um golpe de espada da mesma. Esses acontecimentos marcaram a vida de Raimundo Santa Helena, levando-o no dia 31 de dezembro de 1937 com apenas 11 anos de idade, a fugir para procurar o bando de Lampião e assim vingar a morte de seu pai.

Raimundo Santa Helena trabalhou em Barbatana como agricultor e lenhador, vendendo sua lenha, depois de caminhar cinco horas com o jumento Cajuru para Iguatu, interior do Ceará. Lá no mercado ele recitava versos decorados. Depois foi para Fortaleza como pau-de-arara. Dormiu na calçada da igreja da Sé, que fica no centro de Fortaleza. Alimentou-se de restos de comida no Mercado Central, que fica ao lado da igreja da Sé. Raimundo Santa Helena teve ajuda da professora Carmen, que o incentivou a estudar, e em 1943 ele ingressou na Escola de

---

<sup>27</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Acervo: Raimundo Santa Helena. [Rio de Janeiro]: FCRB. Disponível em: [http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima\\_acervo.html](http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/RaimundoSantaHelena/raimundoSantaHelenadeLima_acervo.html).

Aprendiz de Marinheiro, levando-o a participar da Segunda Guerra Mundial. Tornou-se um ex-combatente condecorado duas vezes pelo governo.

Em 1945 Raimundo Santa Helena publicou seu primeiro poema, intitulado “ Fim da Guerra”. Em um domingo , mais precisamente no dia 27 de setembro , ele se deparou com um grupo de jovens que comemoravam o fim da Segunda Guerra. Ali mesmo ele recitou um verso comemorando o fim da Segunda Guerra Mundial, inaugurando assim a Feira de São Cristóvão. O bairro de São Cristóvão era o ponto de encontro de nordestinos que chegavam ao Rio de Janeiro nos caminhões de pau-de-arara, numa espécie de rodoviária improvisada. Até a chegada de seus entes queridos que já residiam no Rio de Janeiro, migrantes nordestinos trocavam experiências de vida, transformando o lugar em local de comércio por meio de compra e venda de produtos típicos da região nordeste. Como parte da cultura nordestina, o Cordel estava presente no local, contribuindo na manutenção dessa cultura, estimulada por migrantes que trabalham para manter viva um pedaço de sua cultura, como forma de amenizar a saudade de casa. No Cordel de Raimundo Santa Helena, intitulado “ Bandeira do Brasil”, o poeta narra em prosa e verso sua trajetória como migrante para o Rio de Janeiro:

*No sertão da Paraíba  
Eu era bem pequenino  
Na minha primeira aula  
De pé cantando o Hino  
logo no mastro da cumieira  
Tremulou ao som do sino...*

*Depois ainda menino  
No Ceará forasteiro  
Na primeira formatura  
De aprendiz de Marinheiro  
Carvalho disse “bem vindo”  
Vi a bandeira subindo  
Ao toque do corneteiro*

*Cá no Rio de Janeiro  
Combati a ditadura*

*Erguendo nossa bandeira  
Símbolo da abertura  
Só para motivação  
Pois a chave do portão  
Tem outro nome: Cultura.*

Raimundo Santa Helena ao longo da vida escreveu muitos Cordeis. Para retratar os Cordeis de forma verdadeira, ele se informava em diferentes jornais, para assim elaborar a fala que iria desenvolver na produção do Cordel, dessa forma garantia a veracidade de suas produções. Embora tenha trabalhado temas políticos, migração, preconceito, críticas sociais, criança, sexualidade entre outros, o fato de ter tido sua vida ligada à tragédia pelo bando de Lampião, o motivou a escrever Cordeis com temáticas sobre o cangaço. Era um Cordelista diversificado, com uma enorme necessidade de informar a população por meio de seus Cordeis. Ele gostava de convidar a imprensa para os lançamentos de seus Cordeis, era a forma que ele encontrava para chamar a atenção da mesma para seu trabalho. Fazia questão de publicar nos veículos de comunicação.

Nos anos 80, em defesa da Literatura de Cordel, Raimundo Santa Helena participou como um dos organizadores do Primeiro Congresso de Literatura de Cordel. Todos os participantes receberam certificado de participação das mãos de Rodolfo Cavalcante. Nesse período, os poetas de Cordel eram facilmente encontrados em diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro, como: Praça XV, Cinelândia, Largo do Machado e Copacabana. Santa Helena lutou para que a Feira de São Cristóvão não acabasse, e também para colocar a feira dentro do Pavilhão de São Cristóvão.

No dia 28 de janeiro de 1985, Santa Helena comemorou 40 anos de Rio de Janeiro, e para celebrar essa data ele promoveu palestras e exposições com documentos e objetos que faziam parte do seu acervo particular. Também promoveu uma vigília na Cinelândia em defesa da Constituinte. Ressalto aqui que 1985 foi o ano das 'Diretas Já'.

Ao longo da sua trajetória como poeta trabalhou em prol da valorização da Literatura de Cordel. Fundou a CORDEL-RIO, que foi extinta pela lei do INCRA, sendo então substituída pela CORDEL BRÁS, sediada no portão 4 da Feira de São Cristóvão. Raimundo Santa Helena conquistou a Praça XV para Cordelistas, obtendo carteiras funcionais para os mesmos, junto a Divisão de Folclore do Estado do Rio de Janeiro. Lutou contra o dicionário escolar do MEC,

que não reconhecia o Cordel como Literatura. Ministrou mais de trezentas palestras em diversos lugares, desde escolas públicas à imprensa. Possui centenas de publicações em jornais, revistas, rádios e tv, tudo documentado em arquivos da CORDELBRAS. Sua primeira palestra foi realizada na CUP em 1980, no bairro de Jacarepaguá, , sua palestra de número 391, realizou-se na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro no dia 7 de novembro de 2002 e na Globosat, no dia 13 de dezembro de 2002 fez a palestra de número 394 .

Santa Helena escreveu a Carta de Princípios e o Manifesto da CORDELBRAS, recebendo aprovação dos membros do Conselho de Honra. Recebeu o título de “Cidadão da Cultura Popular” e “Cavaleiro da Ordem dos Cantadores”. Foi eleito Acadêmico efetivo da Academia Brasileira de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo pela UPI, cursou seis meses de Letras na FLC e dois meses de Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Obteve diploma de Illinois, pelos quatro anos de curso de inglês.

Durante toda vida escreveu mais de 500 títulos , com um milhão e trezentos mil exemplares circulando em dez línguas diferentes, além de ser citado centenas de vezes por jornais, rádios e televisão. Por ter uma forma diversificada, Raimundo Santa Helena recebeu de poetas tradicionais, críticas sobre a forma como ele escrevia seus Cordeis. Ele escrevia seu nome nos cordeis para que não houvesse dúvida sobre sua autoria.

Em 1986 a perda de seu filho caçula Renato Luiz do Nascimento, de apenas 22 de idade, que o abalou a ponto de se afastar da vida pública, passando a viver de forma reservada com sua esposa Yara. Ainda em 1986 recebeu de uma universidade estrangeira a oferta de dez mil dólares por seu acervo, mas preferiu doar para a Casa de Cultura São Saruê, localizada na rua Leopoldo Froes, 83, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

Raimundo Santa Helena faleceu no dia 28 de outubro de 2018 em Recife, onde passou os últimos anos de vida na casa de sua filha Ynah. Sua cinzas foram jogadas na baía de Guanabara com as cinzas de sua esposa Yara. Foi um dos desejos do poeta que dedicou sua vida à Literatura de Cordel. Outro desejo do poeta foi a doação do seu acervo para a Casa Rui Barbosa, que no dia 30 de julho de 2019 realizou uma cerimônia de entrega de doação do Acervo de Raimundo Santa Helena, contando com a presença de sua filha Ynah. Nesse mesmo dia Raimundo Santa Helena foi citado na coluna de Ancelmo Goes e também no Jornal do Brasil.

Esse reconhecimento da importância de Raimundo Santa Helena como um grande cordelista, mostra como a Literatura de Cordel está inserida na vida de milhares de pessoas,

como a mais pura expressão das camadas populares, advindas da região Nordeste, que ao longo dos decênios migraram para o Rio de Janeiro e outras capitais do país, trazendo junto com o desejo de uma vida melhor peculiaridades tradicionais de sua terra de origem, contadas na Literatura de Cordel.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depois de ler dezenas de cordéis sobre migração nordestina para o Rio de Janeiro, fica entendido os motivos que impulsionam essa prática migratória. As condições precárias que milhares de famílias se viam por conta da seca, somando-se a escassez de emprego, juntamente com a falta de políticas públicas que beneficiassem a população pobre e desamparada da região

Nordeste, são elementos que estimularam a saída de milhares de indivíduos em busca de sobrevivência longe de sua cidade de origem. Em cima dessa realidade, muitos poetas abordaram em seus Cordéis a dura realidade do migrante nordestino, sendo eles mesmos retirantes em busca de uma vida melhor.

É importante ressaltar que a Literatura de Cordel representa uma fonte não só de informação, mas também um veículo de denúncia. Quando o poeta escreve sobre a vida do retirante nordestino e suas desventuras, ele chama a atenção para aquela temática, levando o leitor a refletir sobre os desafios enfrentados por aqueles indivíduos e quanto ausente está o Estado na vida desses flagelados.

A forma que os poetas populares retrataram a migração nordestina em seus folhetos, expondo as mazelas sociais dessa gente, mostra como a população nordestina sofreu com o descaso do Estado. Durante dezenas de anos, além de sofrerem com os fatores climáticos que castigavam as regiões, milhares de indivíduos ficaram entregues à própria sorte, sofrendo todo tipo de provação, sem apoio de políticas públicas que amenizasse a triste realidade de milhares de famílias. Essas pessoas foram expulsas de sua terra e partiram para sobreviver em outros lugares, distante de sua gente, acalentando o sonho de retornarem para casa num contexto climático favorável à permanência com seus iguais.

A Literatura de Cordel é uma importante fonte de informação para se entender como a população humilde do país, advinda da região Nordeste é vista pela sociedade brasileira. Uma parte dessa população é composta por pessoas excluídas dessa sociedade, em sua maioria analfabetas ou semianalfabetas, que não tiveram a oportunidade de estudar, vivendo precariamente nas grandes capitais do país, nas periferias dessas cidades. Porém, contra todas as intempéries da vida, é um povo resiliente, que canta e rima a própria trajetória, escrita e contada por poetas nas feiras e praças, mostrando a coragem de quem acredita na promessa de dias melhores.

## **FONTES**

CORDEL: Literatura Popular em Verso. Fundação Casa Rui Barbosa. Disponível em : <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>

CURRAN, Mark J. História do Brasil em Cordel / Mark J. Curran - [2.ed.](#) 2.reimpre- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

CURRAN, Mark. Retrato do Brasil em Cordel/ Mark Curran - Cotia, SP: Ateliê Editorial,2011.

ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que Eu canto de cá: Filosofia de um trovador nordestino/ Patativa do Assaré. - [18.ed.](#) - Petrópolis.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2018, set.18). Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em:<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-é-reconhecida-como-patrimônio-cultural-do-brasil>

VIDAS Secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Herbert Richers e Luiz Carlos Barreto. Rio de Janeiro: Herbert Richers, 1963. 100 min., son., p&b, 35 mm

DEUS e o Diabo na Terra do Sol. Direção: Glauber Rocha. Produção: Copacabana Filmes. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. (115 min)

OS Fuzis. Direção: Ruy Guerra. Produção: Copacabana Filmes. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. 119 min., son., p&b, 35 mm.

CRUELDADE Mortal. Direção: Luiz Paulino dos Santos. Produção: Embrafilme; Sincro Filmes. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1976. 92 min., son., color., 35 mm.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Rio de Janeiro: Riofilme; Le Studio Canal; MACT Productions, 1998. 106 min., son., color., 35 mm.

O Caminho das Nuvens. Direção: Vicente Amorim. Produção: Bruno Barreto e Ângelo Gastal. Rio de Janeiro: Globo Filmes; LC Barreto Productions; Filmes do Equador e Miravista, 2003. 85 min.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes. São Paulo: Ed. Cortez,2011.

BARROS, José D'assunção. O projeto de pesquisa em História

ALMEIDA,J.E.;ARAÚJO, J.B. Um modelo exaurido:a experiência da SUDENE. In: Revista Teoria e Evidência Econômica.n.12. v 23, p.97-128. Passo Fundo: UPF,2004.

APARÍCIO, CA.P.:QUEIROZ,,S.N.de Mercado de trabalho pós-crise; comparação entre as Regiões Metropolitanas de São Paulo e Fortaleza-2009 e 2010, In: XXI Encontro Nacional de Associações Brasileiras de Estudos e Trabalho ABET, 2011, João Pessoa-PB, Cenários da crise e organização do trabalho: Permanências e perspectivas- ABET,201.

ALMEIDA, F,M.M.G;SILVA,J.L.B;SOUSA,J.R;ALVES, L.S.F. apresentação da literatura de Cordel no ensino de geografia: considerações para além dos conceitos.GEO. Temas , Pau de Ferros, v .11,p. 1-20, 2021.

CARVALHO.J.A.M. de , ; RIGOTTI, [J.I.R.Os](#) dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise. Revista Brasileira de estudos de população, São Paulo, v., 15,n,2,p. 7-16,1998.

CUNHA. Euclides da. Os Sertões. São Paulo; Ediouro,2003

GULLEN, Isabel Cristina Martins.Cantadores das Viagens, a Literatura de Cordel e a Experiência da Migração Nordestina para a Amazônia

HERMANN, Jacqueline .Canudos: a terra dos homens de Deus. Estudos Sociedade e Agricultura, 9 , outubro 1997: 16-34.

PRADO JÚNIOR, Caio,1907- 1990. Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia / Caio Prado Júnior. São Paulo: Brasiliense, 2007.

QUEIROZ, Raquel de . O Quinze 82 Ed.Rio Janeiro: José Olímpio, 2006.

SANTOS,M. D.;SILVA,B.B.D.OLIVEIRA,E.M.D.Analogia entre desmatamento e êxodo rural no nordeste do Brasil. Revista eletrônica,v.8, n.1, 2009.

SILVA, Fabrício Alves da. O Poeta Ficou Cansado: Trajetórias da Literatura de Cordel na bagagem de Narradores Migrantes.

SIQUEIRA, E; MATAMOROS, J; DE LA CRUZ,C. Uso da literatura de cordel para explicar a metodologia ativa de aprendizagem baseada em problemas. Revista ciências & Idéias, Nilópolis, v. 11, n.2,p.257-67,2020.

SOUZA, T.B;FREITAS,L.L. Literatura de Cordel no Fio de Rede: o cibertexto poético como mídia digital. Scripta Alumni, Curitiba, v. 23, n.2,p.158-77, 2020.

SOUZA,C;NOGUEIRA F. M. M.Migração e Cordel: Os Nordestinos em Roraima.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Martins,1973.

HALL, Stuart(2008). Da diáspora: identidade e mediações culturais. Notas sobre a desconstrução do “popular” , Belo Horizonte:Editora UFMG.

RIBEIRO,[M.T.F](#).Intrdução.In:RIBEIRO,M.T.F;MILANI,C.R.S(Org.).Compendendo a complexidade socioespacial contemporânea: O território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: EDUFBA,2009.